

Universidade do Estado do Amazonas
Centro de Estudos Superiores de Parintins
Colegiado de História

**Entre encenação e apropriação da cultura indígena:
uma análise do Boi-Bumbá de Parintins**

Kelvyn Carvalho Machado
Diego Omar da Silveira (orientador)

Resumo: A presente pesquisa visa contribuir significativamente para estudos futuros e aqueles que se dedicam aos estudos de boi. O trabalho exposto aqui tem por objetivo levantar questionamentos sobre o Festival Folclórico de Parintins e debater como se materializam as representações apresentadas pelos bois na arena do Bumbódromo. Tem o propósito de levantar questões sobre a história do festival e trajetória que este teve até o estágio atual, colocar em evidência o contexto indígena apresentado pelos bois nas noites de apresentação e criar diálogos sobre o processo de criação dos itens que representam o universo indígenas estabelecendo conversas e questões que nos toquem para pensar a recriação apresentada pelos bois. Através da discussão sobre as primeiras brincadeiras de boi, a cidade de Parintins, as toadas, a representação plástica, a confecção alegórica e o processo de produção das indumentárias este estudo possibilita ampla visão do universo artístico e criativo dos bumbás por ser escrito por um conhecedor e vivenciar a materialização artística dentro dos Galpões e QGs.

Palavras-chave: Arte. Representação. Cultura Popular. Reflexão. Festival Folclórico de Parintins.

Introdução

Festival Folclórico de Parintins, uma festa reconhecida nacional e internacionalmente por representar a cultura cabocla e indígena em forma de teatro na arena. Festa que atrai os olhos do mundo por apresentar-se com recreações da vida real e mitos lendários da natureza. Manifesto que possibilita pesquisas de diversos graduandos, mestres e doutores das áreas de ciências humanas, sociais, econômicas, entre outras. “Do ponto de vista contemporâneo, é possível afirmar que, para além da origem, as culturas estão permanente processo de recriação por aqueles que as vivenciam” nos diz Wilson Nogueira (2014, p. 103).

Todavia, essa é uma festa popular realizada anualmente no último fim de semana do mês de junho na cidade de Parintins- AM durante três noites seguidas. Evento que materializa recreações gigantescas, aparições e apresentações de seres da floresta, contos e histórias da vida cabocla na Amazônia pelos Bois Caprichoso de cor azul e Garantido de cor vermelha. Apresentação que ocorre no Bumbódromo, um tipo de estádio com o formato de uma cabeça de boi estilizada, com capacidade para aproximadamente 35 mil espectadores.

Dentro desse contexto, tratamos de levantar um escrito problematizador referente ao Festival Folclórico de Parintins, levantando questionamentos e diálogos sobre como acontece essa celebração erguida por dois bois de pano. Para esse feito, apontamos o processo histórico do festival, as dificuldades e como se projetou para o nível atual. Pesquisa que nos possibilitou investigar as questões que giram em torno do trabalho materializado e o trabalhador que recria fantasias, alegorias, coreografias para tal realização. “A representação da identidade ocorre na intersecção que se estabelece na condição de homem, entre sua posição de ser produtor e ser produzido em uma realidade social”, nos afirma Beatriz Helena Furlanetto (2011, p. 9).

Entretanto, procuramos fazer uma abordagem significativa a partir da história do festival e as relações que se erguem para essa construção, com evidências para o processo de produção de figurinos, alegorias que tratam da temática indígena.

O trabalho está dividido em três partes: a primeira descrevemos a trajetória do festival, para isso foi feito um percurso histórico da brincadeira de boi até chegar em Parintins, nesse escrito chamamos atenção para a cidade de Parintins e como é a preparação para festa ressaltando a importância dessa festa para introduzir e gerar benefícios na cidade.

A segunda faz um diálogo a respeito da celebração do nativo e apropriação cultural, nessa parte do texto abordamos o processo de produção da festa com ênfase para representação indígena dentro do espetáculo, destacamos a força da toada como

voz para o caminhar da festa, trabalhamos a representação plástica e como é o processo de produção de alguns itens indígenas.

Na terceira e última parte nos propomos a pensar a questão dos rituais indígenas, enfatizando a narrativa e a estética. Trabalho calçado em apresentar os rituais indígenas e fazer uma abordagem sobre sua importância para festa, foram expostos desenhos e toadas que nos toquem para pensar as cerimonia e ritos indígenas.

Portanto, esse escrito versa sobre o universo que se constitui para o festival folclórico de Parintins, objetivado em fazer uma abordagem firme sobre a preparação da festa e instruir pesquisadores a refletir o contexto que se materializa, este tem o diálogo e a capacidade de instigar novas leituras sobre este campo de estudo.

Os Bois de Parintins

Boi-Bumbá no Brasil

A constituição da brincadeira de boi no Brasil representada desde antigamente com os folguedos remonta diversidade e resistência. Muitas são as versões de realização, construção e apresentação acerca de suas variantes. A configuração sociocultural brasileira por exemplo, está fortemente representada nas formas e adequações que a brincadeira de boi incorporou em várias partes do país. Assim sendo, as peculiaridades, os costumes, a representação e o significado são tessituras que se modificam conforme as culturas cultuadoras dessas práticas. Ainda, o boi Bumbá no Brasil é contemporâneo de manifestações brancas do passado. Uma teatralização da cultura miscigenada que introduz a religiosidade afro-brasileira em forma de persuadir o negro.

Sobre o surgimento do folguedo no Brasil, Beatriz Helena Furlanetto ressalta que:

O folguedo do boi surgiu no nordeste do Brasil e disseminou-se por quase todo território nacional. Ao espalhar-se pelo país adquiriu diferentes ritmos, temas, formas de apresentação, indumentárias, personagens, instrumentos, adereços e nomes: no Maranhão, Rio Grande do Norte, Alagoas e Piauí é chamado bumba-meu-boi; no Pará e Amazonas é boi-bumbá; no Ceará e Espírito Santo é boi-de-reis; no Paraná e Santa Catarina é boi-de-mamão, entre outras denominações. (FURLANETTO, 2011, p. 3).

A respeito desse exemplo nota-se que a brincadeira de boi é multicultural, a disseminação por diversas partes do Brasil exemplifica formas diferentes que o folguedo se adaptou. Todavia o choque cultural, o saber caboclo e herança cultural estão diversificadas conforme encontradas nas regiões brasileiras.

Maria Laura Viveiros de Castro Cavalcanti (2000) em seu artigo “Boi-Bumbá de Parintins, Amazonas: breve história e etnografia da festa chama atenção do para o

primeiro registro conhecido sobre brincadeira de boi no país, que remonta os anos de 1840 sendo do Recife. O artigo “A estultice do bumba-meu-boi” de Frei Miguel do Sacramento Lopes Gama publicado pelo jornal “O Carapuceiro” (Lopes Gama, 1996). Apontamento esse onde Frei indigna-se e solta pesados comentários a respeito do enredo, chamando como um “agregado de disparates”. Sobre a segunda referência, Cavalcanti (2000) pontua em seu escrito citando Avé-Lallemant (1961), esta datada está em 1859, vinda de Manaus onde o médico viajante ressalta a homenagem a São Pedro e São Paulo sendo uma “festa católica” introduzida de um “cortejo pagão”. Marco esse que auto explica a passagem forte da cultura do Boi Bumbá no norte e nordeste do Brasil. De outra forma, os folguedos se fazem presente com bastante propriedade, os cortejos, embaixadas, festas religiosas marcam essa trajetória.

Entretanto, em meio a diversas representações, mantimentos e fortalecimentos de laços em espaços compartilhados se tem diferentes modos de celebrar, organizar e contextualizar realidades em formas de protagonizar, afirmar-se culturalmente e desenraizar saberes. Descrições de realidades como essas que configuram o surgimento do Boi Bumbá no país de forma clara e forte.

Sérgio Ivan Gil Braga (2002) diz que “as variações encontradas no bumba-meu-boi e seus congêneres de outros estados, no que se refere aos personagens e ao enredo, corresponderiam aos diferentes modelos de festas...”. Nessas medidas, a diferença é uma autoafirmação na brincadeira de boi, as regiões brasileiras modificaram o jeito de brincar, os sujeitos, os lugares e as condições não são os mesmos. Assim, dar vida e ressuscitar personagens principais é o que se prevalece nas brincadeiras de boi. Exemplificando este argumento tratamos de pensar o auto do boi, este ato que os bois Garantido e caprichoso encenam e apresentam na arena. Todavia, essa celebração modificada pelos bois conta com personagens negros, da fazenda que estão subalternos a questões de embranquecimento. Caso da mãe Catirina que tem um desejo a saciar com a língua do boi, e Pai Francisco que é o sujeito que mata o boi e rouba a língua do mesmo para sua mulher. O Triunfo religioso encenado se faz dependente de personagens como o pajé indígena, padre e doutor. Figuras que compõe cenário de tal drama popular.

Para Cavalcanti (2000) “A brincadeira do boi remete sempre a uma forma tradicional de teatro popular...”. Referente asse questionamento, a tradicionalização marcada no teatro popular é o fazer milagre, dar vida, ressuscitar e brincar em volta de tal manifestação. De outra forma, esse episódio na trama popular reestabelece sentidos, realiza feitos e reativa as energias. É como protagonizar o “auto do boi” em Parintins e na arena no Bumbódromo, recolocar o dono do espetáculo em harmonia e celebrar a vida com os demais brincantes.

Nesse interim, a Amazônia recebe as brincadeiras como herança mantida e guardada pelos primeiros migrantes nordestinos enganados pelas promessas e ofertas de trabalho, por condições precárias de vidas no norte e nordeste do Brasil. Para Allan Soljenítsin Barreto Rodrigues (2006) “podemos conhecer a forma como a brincadeira do boi-bumbá chegou ao Amazonas na bagagem dos migrantes nordestinos, que vieram para Amazônia no apogeu da economia da borracha, no final do século XIX e início do século XX”.

As realidades amazônicas proporcionam diferentes moldes para as brincadeiras de boi, folguedos e festas religiosas. As memórias e a resistências fortes e herdadas do Bumba meu boi são colocadas em práticas como foram concebidas, porém as relações com os caboclos nativos amazônidas (re) constroem essas heranças e atingem outras dimensões, agrupando sentidos e empregando valores e formas não encontradas antes, assim como a adequação para tal realidade proporcionada por um outro jeito de viver.

Andreas Valentin (2005, p. 56), considera que “Do índio, os caboclos herdaram o saber acumulado sobre o ambiente natural e a sabedoria de como ele vive em harmonia” com esse enfoque, nos remetemos a pensar então as realidades e adequações sofridas pelo Boi Bumbá na Amazônia, partindo da inteligência e sabedoria agraciada para com os povos viventes desse território. Se antigamente os nativos dessa terra viviam em harmonia com a exuberância da natureza, com o passar dos tempos essa ideia se modificou, sobretudo pelos movimentos de passagem e de configuração da sociedade.

Sobre a presença do Boi Bumbá em Manaus, Selda Vale da Costa nos diz que:

Os bois eram parte dos folguedos, mas as danças de roda, as cirandas, as quadrilhas, as adivinhações, os cordões de bichos e os “pássaros” (“japiim”, “tucano”, “bem-te-vi”, “gavião”, “corrupião”, “guará”) eram o forte desde o início do século. Bairros, como a Cachoeirinha, eram famosos por suas arraias na época junina. Depois, nos anos 50, precisamente em 1956, por iniciativa de Bianor Garcia de O jornal e do Diário da Tarde, mas como o estímulo da Comissão Estadual do Folclore, criou-se o Festival Folclórico de Manaus, onde a atração principal eram os “pássaros” e as “tribos” dos Andirás e Ipixunas. (COSTA, 2002, p. 148).

Diante do exposto, percebemos os folguedos juninos como ferramenta da cultura amazonense, ato que já se propaga desde o início do século XX com realizações de festas juninas na cidade de Manaus por exemplo. Manifesto esse que Costa (2002) nos afirma ainda que “dois Bois Bumbás dividiam o gosto popular durante o mês de junho: Corre-campo e Tira-Prosa. Em 1925, na cachoeirinha, talvez o bairro mais ape-

gado às tradições regionais, havia as famosas correrias do garantido, do Mina de Ouro e do Caprichoso”.

Seguindo tal posicionamento, nessa época, os folguedos juninos chamavam atenção do gosto popular. Os Bois Bumbás brincavam nas festas juninas e em lugares diversos da cidade de Manaus compartilhando espaço com os pássaros, quadrilhas e tribos. Mediante a isso, brincadeiras e demais realizações já não tinham condições de se manterem, donos e responsáveis por tais organizações faleceram e a tradição aos poucos foi se perdendo, restando apenas pesquisas e poucas memórias.

A cidade e o festival

Parintins é uma cidade que respira boi pelos seus habitantes que adentram com fervor nos meses de maio e junho por conta da realização do seu festival folclórico. Essa manifestação cultural é uma atração que todos os anos desperta olhares de turistas do mundo todo. Sendo a maior manifestação folclórica da cidade, o Boi Bumbá cresceu e tomou novos rumos, atendeu necessidades e a cidade pacata de Parintins desenvolveu-se, atualmente, conta com mais de cem mil habitantes.

Nogueira (2014) informa que “A cidade está localizada numa das ilhas do arquipélago Tupinambarana, na margem direita do rio Amazonas, a 325 quilômetros em linha reta de Manaus, capital do Estado do Amazonas” (NOGUEIRA, 2014, p. 30). Cercada pelo rio Amazonas, a terra dos caboclos parintinenses é ponto turístico de visitantes que se encantam pela Amazônia.

A respeito da chegada do Boi Bumbá em Parintins, Rodrigues (2006), citando Saunier (2003) nos informa que:

Em Parintins os registros mais antigos foram feitos por Tonzinho Saunier, segundo o historiador autodidata, inúmeros Bumbás surgiram em Parintins entre os anos de 1910 e 1912, a exemplo dos bois “Diamantino”, pertencente a um piauiense conhecido como “Ramalheite”, “Caprichoso” (1913), trazido de Manaus por Emídio Vieira, “Fita verde”, de Izídio Passarinho, e “Garantido” (1920), criado pelo poeta popular e folclorista Lindolfo Monte Verde. (RODRIGUES, 2006, p. 58).

Já Cavalcanti (2000) relata em seu escrito que “os Bois surgiram na cidade na segunda década do século XX” e que “o Boi Garantido teria sido criado em 1913” e o Boi Caprichoso nesse mesmo período, porém com fundação dos irmãos “Roque e Antônio Cid (naturais do Crato, no Ceará) e por Furtado Belém, parintinense Ilustre”. Assim, o surgimento dos bois na cidade marca o princípio do referido século, mas seus fundadores não deixaram nada escrito. Sobretudo, há quem o diga que a criação dos bois se deu no mesmo ano, assim sobre seus verdadeiros criadores.

Sobre os diversos registros escritos datando a presença dos bois na cidade de Parintins considera-se que os folguedos sempre foram fortes e resistentes. A cultura cabocla e indígena adaptou formas de brincar de boi, o saber cotidiano juntou-se a identidade trazida de outras cidades para manter a tradição, brincar e fortalecer o convívio social, assim como o advento das brincadeiras de quadrilhas e arraias como realizações alusivas ao mês de junho. Posteriormente os bois apresentavam-se em terreiros em forma de desafio para o contrário e seguiam pelas ruas da cidade caminhando com seus idealizadores, padrinhos, amigos e mestres.

Nogueira (2014) e Braga (2002) atentam para relações simbólicas da cidade relacionadas ao Boi Bumbá. Assim, são apresentadas pelos autores parte de documentações, relatos de pessoas nascidas na ilha e outros aportes que identificam as agremiações Garantido, tendo a cor vermelho e Caprichoso, dono da cor Azul ganhando força e prestígio na quadra de Nossa Senhora do Carmo em 1965, tendo ajuda da Juventude Alegre Católica (JAC) para realizações e apresentações. Com tal necessidade a festa passou a se organizar como competição de quadra e festival, passando a ter sentido de competição a partir do ano seguinte em 1966.

A respeito das riquezas e encantos da cidade, convívio social dos moradores e fanatismos pelos Bois, Valentin (2005) nos diz que:

Parintins é uma cidade que vive e respira o boi-bumbá: as cores dos Bois, o vermelho do garantido e o azul do caprichoso, predominam nas fachadas e nos detalhes das casas em vários tons, sempre fortes e marcantes. O parintinense é atencioso com suas coisas: com o mesmo capricho que dedica para criar os cenários, fantasias e adereços de Boi, trata o seu ambiente doméstico e até os espaços públicos. (VALENTIN, 2005, p. 75).

O estilo de vida dos parintinenses gira em torno da aproximação que existe e se enraizou nessa cidade pelos Bois Bumbás. Certamente o cotidiano da cidade foi adequado a esses moldes de aceitação de culturas de outras regiões brasileiras. As vivências encontradas em Parintins atualmente, por exemplo, resultaram de memórias e tradições que dizem respeito às torcidas fanáticas das duas agremiações.

Entretanto, foi sobre as habilidades sociais que o festival parintinense aconteceu, quebrou as cercas de antigos quintais de donos e padrinhos, saltou sobre as brincadeiras nos terreiros e firmou-se com suas primeiras apresentações que, posteriormente, se deslocaram para o Estádio Tupy Cantanhede. Nesse local adaptado para as apresentações dos Bois Bumbás, o festival cresceu e ganhou cada vez mais espaço na mídia, o público aumentou e os simpatizantes da festa popular de Parintins multiplicaram-se. Por conta desse acontecimento, o prestígio social da cidade elevou-se.

Período em que maca o intercâmbio dos artistas locais para com outras festas culturais do Brasil, exemplificando o carnaval do Rio de Janeiro e a figura de Jair Mendes.

Após uma série de acontecimentos sendo realizados na cidade, “os Bois se organizaram institucionalmente como entidades de direito público e formaram suas respectivas Associações folclóricas” (Valentin, 2005, p. 20).

Valentin (2005) também ressalta que a década de 80 foi um dos períodos de crescimento da festa de Parintins, provocando alastramento e monumentalização do espetáculo. De outra forma, a pequena festa se organizou contanto com ajudas de parceiros e da prefeitura da cidade.

Maria Celeste de Souza Cardoso (2013) diz que após a construção do local de disputa dos bois, denominado de Bumbódromo, a partir de 1988, os bois-bumbás ganharam projeção nacional e internacional, principalmente com o sucesso das toadas da época. Dessa maneira, o festival incorporou-se e ganhou visibilidade no cenário nacional por incentivo e patrocínio do Governo do Estado do Amazonas e de empresas multinacionais como a Coca-Cola.

Com a construção do Bumbódromo, ocorreu um grande incentivo para Caprichoso e Garantido que passou a contar com ajudas advinda dos governos Municipal, Estadual e Federal para realização da festa, como nos conta Valentin (2005).

Com maiores recursos financeiros e, principalmente, com a maior presença institucional, o festival se profissionalizou cada vez mais. Os Bois, por um lado, monumentalizavam o espetáculo, enquanto que o Governo do Estado dava suporte e meios para que esse processo se realizasse, investindo em obras, infraestrutura, serviços e capacitação de recursos humanos. (VALENTIN, 2005, p. 22).

Como consequência desses investimentos no festival de Parintins, os bois se desenvolveram e a cada ano passaram a gerar renda para cidade. Por conta de novas adequações e concepções de realização nos campos artísticos, alegóricos e infraestrutura. Garantido e Caprichoso investiram para tornar o espetáculo cada vez mais forte. “O Boi-Bumbá de Parintins se transformou em espetáculo popular de massa, despertou interesse da mídia e se distanciou do modo como se apresenta o bumba meu boi ou o Bumbá tradicional”, nos assegura Nogueira (2014, p. 12).

Como nos Informa Braga (2002), “Desde 1994 o festival é transmitido, ao vivo, em rede nacional de televisão, além de ser notícia na imprensa de Manaus três meses antes do seu início”. Ou seja, a divulgação da festa acontece pela imprensa jornalística, televisiva e outros veículos de comunicação. Sendo melhor acompanhada e assessorada por profissionais da imprensa da cidade e da capital do Estado.

Esse movimento incorporado pelos Bois da cidade proporcionou uma nova roupagem ao espetáculo, apontando contextos diferenciados, propagados pela necessidade de divulgação. Assim, a apresentação tradicional dos seus congêneres em outros estados foi se perdendo quando chegou em Parintins. Ou seja, a antiga brincadeira de boi precisava se adequar para ganhar força e tornar o festival de Parintins mais forte, com esse jogo político instalado na festa por parte de seus novos idealizadores, o mercado passou dar visibilidade maior a festa, adequando o que antigamente era apenas uma brincadeira motivada por pessoas simples, humildes e de fé.

Nas apresentações de arena os Bois constroem paisagens, exaltações folclóricas, rituais, lendas amazônicas e outras realidades herdadas do nativo e ribeirinho. Contudo, a exposição e evolução dos bois a cada ano se modifica, as técnicas e usos de instrumentos e artigos de decoração são mais precisos. Assim, a evolução e modernização do espetáculo é algo resultante dos novos pensamentos de introduzir o boi na arena, não exprimindo a realidade e a diversidade amazônica, mas sim adequando as formas de brincar de boi a cada ano.

Segundo Nogueira (2014, p. 67), “A visibilidade midiática dos bois-bumbás Garantido e Caprichoso criou um mercado de lazer e entretenimento durante e fora da semana do festival”. Entende-se que esse acontecimento proporcionou e incentivou pequenos comerciantes e da cidade, alguns meses antes da realização da festa a cidade vive um clima fervoroso propiciado pelos ensaios nos currais, pelas redes de comunicação e bastidores do festival folclórico de Parintins.

Portanto, os Bois Bumbás de Parintins tornaram-se grandes empresas, donos de suas marcas e de maior renda e benefício para cidade de Parintins. O festival Folclórico de Parintins com impulso da mídia passou a ser conhecido em várias partes do mundo, tendo grandes vínculos com os carnavais do Brasil e demais festas populares. Sendo assim, esse cenário trouxe benefícios para cidade como: oportunidades de trabalho, desenvolvimento e urbanização. Ainda passou a receber melhores atenções dos poderes públicos.

O indígena: entre a celebração do nativo e a apropriação cultural

O ato de brincar de boi na Amazônia é chamar atenção para questão indígena, é atentar-se para as variações culturais e perceber a realidade de adequação das muitas brincadeiras de boi introduzidas pelo nativo. A criação e modificação das brincadeiras populares e religiosas afirmam a condição do sujeito como colaborador e operário de tais festejos. Todavia, os espaços indígenas constroem olhares e significados variados por culturalmente serem diferentes e apropriam novos elementos, tipos de evolução, encenação e apresentação a esses fins.

A Respeito da questão indígena no festival de Parintins, nos diz Ericky da Silva Nakanome:

É, nesse contexto, que inserido o novo índio, construído no imaginário do artista parintinense, que transforma o “índio folclórico”, lúdico de plumas coloridas, no “índio espetacular”, de efeitos high tech, da estética do superlativo como o próprio espaço que está inserido e possível promotor de uma nova consciência política e identitária. (NAKANOME, 2017, p. 73).

Dessa forma, a concepção dos artistas parintinenses expõe o índio em arena sendo modificado e receptor de caracterizações adequando-se ao estilo de apresentações. Transformações e mudanças que expõem o índio com visões eurocêntricas, adaptadas e que o mostram nas noites de apresentação como estilizado.

Nesse caminho o festival folclórico de Parintins representa resistência indígena, trajetória, luta e coragem. O jeito de fazer boi desde antigamente elucida o artesão, o pintor, a costureira, o carpinteiro, o festeiro parintinense e tantos outros que sobrevivem a margem dessa teatralização da cultura popular.

Contudo, a respeito da cultura miscigenada acentua-se que o mundo diversificado das festas e brincadeiras populares foram construídas e se modificam pelas trocas culturais, forçadas ou não. Assim, celebrações que se fazem presente foram herdadas e pensadas pelo indígena antigamente, invenção de novos adereços, composição de cenas e rituais que nos toquem para reconhecer as raízes culturais. A apropriação de valores e ritmos pelo Boi Bumbá de Parintins feita pelo nativo e indígena desde as primeiras edições do festival da cidade são fortalecidas e cultuadas com o passar dos anos, trata-se das relações mantidas com povos diversos feitas antigamente pelo parintinense e suas vizinhanças e a participação do artista de boi na construção de carros alegóricos no carnaval em diversas partes do Brasil.

Toada e representação plástica

O festival folclórico de Parintins tão modificado foi nos seus sentidos estruturais até o momento, as toadas tornaram-se porta voz dessa festa desde a década de 90 e impulsionaram o crescimento e maior admiração dos bois Garantido e Caprichoso. Como parte dessa atração as toadas não resistiram e também foram se adaptando a novos ritmos, temas, letras, sentidos e toques. “Isso é visível nas apresentações do Boi de Arena durante as três noites de festival. Além disso, também é visível nas transformações ocorridas nas toadas nas últimas décadas...”, nos diz Cardoso (2013, p. 17).

As transformações feitas nas toadas e o processo de modernização e melhoras de equipamentos tratam das situações impostas pelo mundo contemporâneo ao espe-

táculo do Boi Bumbá em Parintins. De outra forma, entende-se esse processo como necessidade de adaptação, de procura de novos sentidos que agreguem e fortalecem o elo cultural.

Com o passar dos anos as toadas perderam a lentidão e ficaram mais forte, com letras diversificadas e propositais desapropriando-se do sentido amazônico e de temas relevantes da natureza e da exaltação dos pássaros, de reptéis, peixes e outros. Assim como de suas declamações pela fauna e flora.

Outro fator importante modelado nos últimos tempos que aparece nas apresentações de boi são as cenas de fundo, caracterizadas pela grandeza de seres da floresta, barcas, bichos e outros objetos e personagens da natureza. Representações estas conhecidas como alegorias, item de apresentação nas noites do festival folclórico de Parintins que esboçam grandezas em estruturas metálicas e artísticas que servem como apoio e base cenográfica para devida evolução e apresentação dos bois Garantido e Caprichoso.

A representação plástica alegórica retrata méritos de beleza, originalidade e criatividade produzida por artesãos parintinenses que aprimoram seus trabalhos dando acabamento nas peças produzidas de isopor e ferro retorcido formando bonecos e objetos, estes executados com as próprias mãos e pensados pelos artistas de boi, trabalho organizado e dividido em tarefas para os ferreiros, escultores e aderecistas no interior de seus galpões ou QGs, estes conhecidos como quartéis gerais. “Os artistas, no geral, não se sentem tolhidos em sua criatividade. Reconhecem a importância e a necessidade da organização da produção do espetáculo”, enfatiza Nogueira (2014, p. 123).

A plástica não representada somente pelas alegorias, mas por outros itens que concorrem nas noites de apresentação como as tribos indígenas, vaqueirada, tuxauas, e itens individuais que aparecem em diversos momentos durante as apresentações. Estes que formam um conjunto folclórico reunido de todos itens e integrantes de apresentação embasados no conteúdo do espetáculo de tal boi, responsáveis por atribuir sentido as apresentações embalas pelas galeras do lado azul e vermelho no Bumbódromo. “A importância desta introdução se deve ao resgate e preservação das culturas indígenas, destacando suas lutas, seus mártires e mobilização em torno do crescimento tribal...”, ressalta Erick Bessa Pinheiro (2004, p. 20).

Nesse contexto, as representações plásticas dos bois são construídas de feragem segura que suportam o peso de matérias primas da natureza como as palhas, sementes, jutas e artefatos trançados de cipó e esculpidos em isopor. Trabalho que possui acabamento com sacos de fibra, tecidos de pano, artigos artificiais, tintas, plás-

ticos emborrachados e penas, além do brilho de jogos de luzes instalados para dar efeito visual e contraste de cores nas apresentações de arena.

Itens Indígenas

O festival folclórico de Parintins se apresenta com a essência dos povos indígenas encenada pelos bois Garantido e Caprichoso, as apresentações de cada um contam com 21 itens no total, alguns de cunho indígena aparecem e reaparecem várias vezes em uma única noite de apresentação. Estes que são expostos e evoluem ocasionando fervor momentâneo nos torcedores, nesse pensamento, sendo aparições aguardadas e marcantes proporcionadas pelas evoluções dos bumbás.

A presença indígena está referenciada na evolução de Garantido e Caprichoso pela exaltação folclórica, tribos indígenas, alegorias, Tuxauas, Pajé e outros itens que esboçam a cultura indígena através da teatralização aparições que regem o índio. Entretanto, cada apresentação exalta o convívio, as lideranças e raízes despertadas por esses povos.

A exaltação tribal, um dos pontos forte da cultura local, esse manifesto é explorado a mínimos detalhes pela diretoria dos bois e se faz presente nas evoluções de arena. A exaltação da cultura, da diversidade cultural, religiosa são temas fortemente representados e teatralizados com ritos indígenas, cantos de diversidade étnica com a toada letra e música, e a imagem de nossa senhora que reforça o lado religioso da cidade e do festival.

Nos informa Nakanome (2017, p. 100), que “Com a novidade da estrutura metálica... tudo é possível, o céu é o limite, foi um período de experimentação e conquistas, superamos as dificuldades, criamos identidade própria para as “alegorias...”. De outra forma o festival de Parintins ganhou nova roupagem e as mudanças estruturais colocam o artesão parintinense para pensar, é nesse contexto que não somente as alegorias, mas também outros itens passaram por um processo de mudança e estilo de apresentar-se em arena. Ressaltamos a presença dos chefes tribais denominados de Tuxauas, dos cordões indígenas representando as tribos e o feiticeiro conhecido como pajé.

Referente ao crescimento do festival de Parintins, nos revela PINHEIRO:

O resultado é a criação de uma ópera performática, em um espetáculo complexo que manifesta uma constante renovação, devido às criativas inovações dos artistas e artesãos que provoca um permanente impulso de superação através da arte, inspirado nas raízes da tradição cultural indígena amazônica, da cultura do caboclo, afirmada como identidade regional originária desta tradição, mesclado ao conteúdo original do Auto do Boi, de características européias, que encontraram no contexto colonial brasileiro sua especificidade e autenticidade, e se difundiram a partir da imigração vinda do nordeste, de

acordo com as características de cada região em que foi abraçado, mobilizando o desenvolvimento contínuo deste folguedo popular (PINHEIRO, 2004, p. 6).

Conforme esse dito, o festival de Parintins sofreu transformações em que o artista e artesão que executa os trabalhos de arena adaptou seus estilos de fazer arte. Ou seja, aperfeiçoou os seus trabalhos e inspirou-se em criar novas cenas baseadas na identidade regional.

Com esse efeito, os trabalhos alegóricos, as produções de peças e roupas de tribos, os estilos de decoração e as técnicas e manuseios de matérias de trabalho foram se aperfeiçoando para mostrar a identidade regional amazônica em arena. Este processo marca a construção e constituição de tais itens:

Cunhã-Poranga: Item 09 – artístico e individual

A Cunhã-Poranga, figura feminina que representa a mulher mais bela da aldeia, uma índia guerreira nativa que se destaca na tribo por mostrar simpatia e beleza natural. No festival esse item faz representações totalmente indígenas, aparece em figurações de tribos, rituais e lendas.

Dessa forma, em arena evolui mostrando sua beleza visual e de seu figurino que chama atenção por conter objetos e sementes indígenas, artefatos de madeira e adereços que expressem a cultura regional. É respeitada pela sua beleza e magia que traduz a singularidade da mulher nativa da Amazônia.

Esta pessoa se define por ser bonita, ter espírito de liderança e coragem. Nas evoluções apresenta gingados fortes marcados pelo seu porte físico e desenvoltura. Nos seus elementos comparativos destaca-se por ser atraente, bela e possuir indumentárias grandiosas e representativas.

Lenda amazônica: Item 17 – artístico e alegórico

A lenda Amazônica é a reprodução do lendário ribeirinho e amazônico, esta apresenta contextos de vivência natural e cotidiano traçado pelo indígena, caboclo e nativo da região. Contudo, retrata o imaginário do mundo simples, das estórias contadas de pai para filho e a vida no campo e barrancos da Amazônia.

No festival folclórico de Parintins, o item artístico expressa a ficção e a realidade popular, trata dos mitos e ritos da região e o vivido e repassado pelos povos e moradores ribeirinhos. Tem como definição a teatralização que apresenta a cultura popular dentro do Festival, seus méritos são imaginação, grandeza e cenografia. Os elementos comparativos tratam da materialização da cultura local e regional.

Pajé: Item 12 – artístico e individual

O pajé é o guerreiro guiado pela força dos espíritos, com o poder de cura, capaz de reger um mundo de mistérios. No festival folclórico de Parintins, o item representa a magia, o encanto e a proteção. Tem o poder mágico das ervas, evoca espíritos e pede proteção aos ancestrais, se revela transformado em personagens.

Sua definição é Xamã, curandeiro e feiticeiro. Possui méritos por ser mago das transmutações. Os elementos comparativos são indumentária, performance e aparição adequada ao projeto de arena de cada boi.

Ritual indígena: Item 04 – artístico e alegórico

O Ritual Indígena é o marco da celebração das identidades indígenas, momento de consagração e mitologia de povos e etnias. Retrata o Xamanismo e a liderança tribal, os simbolismos e a crença dos índios. Assim como as relações, a religiosidade e os costumes herdados.

No festival folclórico de Parintins esse é um dos itens mais aguardados, momento que marca o antes e depois de sua representação na noite. Geralmente é apresentado pelos bumbás para fechar a noite de apresentação, porém não necessariamente é item para finalizar a noite e pode iniciar ou vim no meio dos bois. Define-se por xamanismo em arena, embasado em pesquisas que fundamentam o conjunto folclórico do Bumbá. Os méritos são a criatividade, originalidade e efeitos. Tem como elementos comparativos a organização teatral, cerimonia apresentada que se caracteriza por módulos alegóricos encenando o universo mítico.

Tribos indígenas: Item 13 - artístico e coletivo

As tribos indígenas são as composições étnicas, os grupos tribais e as comunidades indígenas. Este item aparece no festival folclórico de Parintins em momentos de demonstração da identidade, exaltando suas culturas e vivências cultuadas. Os grupos fazem ritos, práticas e técnicas de dança em forma de referenciar o saber indígena. Normalmente as tribos antecedem a evolução dos Tuxauas e o acompanham em arena fazendo coreografias e conjunto folclórico dos Bumbás.

Com as definições grupais, elas possuem o mérito nas coreografias, danças e expressões cênicas. Os elementos comparativos são as performances do movimento, vestimenta e indumentária além da celebração étnica que cada tribo possui.

Tuxauas: Item 14 – artístico e coletivo

Os Tuxauas são os chefes políticos tribais, antigamente conhecidos como (capacetes). No festival folclórico de Parintins estes líderes são representados por grandes confecções pesadas e chamativas. Essas estruturas produzidas por artesãos parintinenses esboçam em suas fantasias o valor e a representatividade de suas etnias.

Definem-se como líderes de suas tribos, personagens de representatividade nas suas etnias. Os méritos são as formas e produções estéticas adequadas ao tema proposto pelos bois e originalidade. Os elementos comparativos direcionam-se a Indumentária apresentada, sua lealdade e rico acabamento em suas peças e decorações.

Rituais indígenas: Narrativas e Estéticas

Os rituais indígenas caracterizam-se por cerimoniais que marcam as celebrações de identidade, pertencimento, enraizamento, fé, relações sociais, encorajamentos, maneiras de reconhecer o mundo a sua volta e a natureza. No Brasil, muitas etnias classificam estes ritos como passagens marcantes de uma pessoa ou clã. Todavia, tratamos de reconhecer os rituais de iniciação, incorporação e a diversidade dessa leva como prática de valores e significados da vida humana.

No festival folclórico de Parintins o ritual indígena é representado pelos bois Caprichoso e Garantido nas noites do espetáculo. Para Nakanome (2017, p. 108), foi um “item inserido no contexto das apresentações recentemente, tornou-se um marco no festival, dividindo a história da festa em antes e depois da representação desse item...”. Dessa maneira os rituais indígenas ao serem representados em arena chamaram a atenção do público por despertarem nas apresentações os ritos de cura, profecia, batismos e representações gigantescas materializadas e confeccionadas por artesãos parintinenses no interior dos galpões dos bumbás. Assim, “os levantamentos realizados pelas diretorias de artes definem os objetos que serão abordados no festival. Por exemplo: os rituais dos povos indígenas servem de fonte de inspiração para a produção visual do espetáculo...”, nos diz Socorro de Souza Batalha (2015, p. 124).

Para conclusões de que os rituais indígenas se fazem importantes para o festival de Parintins, Braga (2004, p. 13), ressalta que “ A referência ao índio, ao negro e ao branco nas festas religiosas e populares da Amazônia não é mera ilusão...”. Ou seja, tais referências necessariamente devem se fazer presente nas festas pois estas são a base de qualquer manifestação humana.

A representatividade monstruosa de bichos da floresta, xamãs, guerreiros tribais e lideranças indígenas dão formas nas alegorias, os efeitos e jogos de luzes reforçam a grandeza estética que é levada para arena em pequenos módulos alegóricos e o modulo central de cada uma. Ao conjunto da organização dos rituais se fazem presente as tribos indígenas, estas que realizam ritos e cerimônias de celebração indígena na frente das alegorias e aos arredores, a toada decantada pelo levantador de toadas dos bumbás, também a apresentação do Pajé, este que pode surgir do auto do ritual indígena assegurado por cabos de aço e lanças metálicas para concorrer com

suas aparições no solo da arena. Por vezes a figura da Cunhã Poranga aparece nesses ritos de passagem que se configuram na arena do Bumbódromo.

Toada: Ritual Tariana

(Compositores: Geovane Bastos e Adriano Aguiar, Boi-Bumbá Caprichoso, 2012)

Cantos no alto Rio Negro

Trocanos estrondam a mata

Flautas para o ritual

Tariana, Jurupari

O rito divino e profano, mistério proibido às

Mulheres

No culto ao deus Sol

O legislador, guardião dos segredos ocultos

Nos olhos de fogo a ira, a flagelação

No iapurutu tua voz de trovão

Macacarauas e feras da assombração

Na fumaça do Paricá, o Kumu revela a visão

Tariana, Manaó, Barassana, Dessana, Bará

Arapaso, Baniwa, Makuna, Baré

Das águas do Negro, Uaupés

Do Içana, Xiê, Caiari, Aruak, Tukano, Pano, Tupi.

Ritual Tariana: Os Tarianas se mostram e são reconhecidos entre as etnias do Uaupés como filhos do sangue do trovão. De outra forma, são tribos indígenas que compactuam com os valores e crenças de bipó diroá masí. A origem desses povos vem de Aruak, atualmente os mesmos falam a língua Tukano e vivem no povoado de lauaretê compartilhando saberes e práticas com outras etnias em comunidades e povoados que se localizam e ficam nas proximidades do Uaupés.



Figura 01: Projeto “Ritual Indígena Tariana”. Criação de Teco Mendes e Equipe. 2012. Acervo Boi Caprichoso

No festival de Parintins este item recria o rito Tariana, fundamentado através de pesquisas embasadas dentro do contexto folclórico do boi-bumbá. Item representado

com fidelidade a toada, expressando beleza nas alegorias e coreografias representadas.

Toada: Ritual Matawi-Kukenã

(Compositores: Ronaldo Barbosa Junior; Rafael Marupiara, Boi-Bumbá Garantido, 2011)

Bruxeleiam sobre os olhos
Os espíritos que pairam na escuridão (2x)
Entes da guerra... (2x)
Pajés feiticeiros, curandeiros
Combatentes do panteão tribal
Moradores das cavernas, exorcistas do clã...
Kanaimés... Matawi-Kukenã,
Tepuye, Tepuye Pemones!
Kanaimés... Matawi-Kukenã, Tepuye, Tepuye
Pemon! Kanaimés... Kanaimés...
Kanaimés...Kanaimés
Despertem guerreiros que a noite
Adormecem (Makuxi)
Os ventos murmuram
Em seus ouvidos os gritos começam a ecoar
Rufam asas Hoaris-Mauaris
Passos de milhares de guerreiros
Tremores precedem o tormento
Wapixanas em vales empunhando lanças,
Kure nan Kura certo
Na batalha tribal, sobrenatural da vida
Inflamam o chão da serra de Pacaraima
O,o,o,o,o,o, (Makuxi)
O,o,o,o,o...
Do cerne, no abismo mortal,
Matawi-Kukenã...
Os gritos evocam o animal
No covil dos seres alados,
O soar das flautas mesmeriza
Bruxeleiam sobre os olhos os espíritos (2x)
Bruxeleiam! Bruxeleiam! (2x)
Dança Pajé...

Ritual Matawi-Kukenã: Caracterizado por uma batalha sobrenatural, invocada entre os espíritos de guerreiros da tribo Macuxi e Wapixana. Neste rito o pajé é empurrado em transe pelo canto da tribo Macuxi, onde é levado ao topo do Monte Kukenã. Nesta guerrilha tribal travada, os índios Wapixana não se adormecem e lançam flechas envenenadas em direção oposta, onde se encontram os Macuxis. Nesse confronto, os mortos são jogados do auto do monte, no final os Hoaris Mauaris partem e o pajé Macuxi alivia a raiva dos Kanaimés para celebrar a paz entre as etnias da região.



Figura 02: Projeto “Ritual Indígena Matawi-Kukenã”. Criação de Marialvo Brandão e Equipe. 2011. Acervo Boi Garantido

No festival de Parintins é uma cerimônia calçada na alegoria artística e dramatização do Rito Matawi-Kukenã, que retrata coreograficamente os cerimoniais e mitos em valorização da vida. Item marcado pela aparição do pajé, que conduz este rito. Sustentado para representatividade dos mundos mentais, reais, espirituais, como forma de manter viva a cultura indígena ancestral.

Lenda Amazônica Cobra Grande: Essa lenda se materializa na região amazônica por histórias e contos de uma grande cobra que assusta e amedronta os pescadores e ribeirinhos que se lançam aos rios em busca de sustento. Conhecida como o pavor dos navegadores, a cobra grande é originária de lagos, rios e igarapés. Acreditavam os antigos moradores que esses tipos de ser eram grandes e fortes, capazes de destruir embarcações e aterrorizar as comunidades.

Todavia, é nesse cenário da Amazônia que relembra uma das lendas mais conhecidas e misteriosa do lugar, fruto de memórias que são passadas para futuras gerações. A cobra grande, lenda que caracteriza uma cobra de grande porte encoberta de couro brilhoso e pintado. Lisa, de olhos atentos a qualquer movimento do fundo dos rios, de boca e presas enormes.



Figura 03: Projeto “Lenda Amazônica Cobra Grande”. Criação de Rogério, Pojó e equipe. 2013. Acervo Boi Caprichoso

No festival de Parintins a Lenda Amazônica é uma cerimônia representada por alegoria artística. É o mundo mítico, a recriação de seres encantados da floresta e líderes do imaginário indígena e caboclo. A recriação da lenda da Cobra Grande representa a exuberância da natureza, os costumes e heranças como tradições, também os ensinamentos da vida e a peculiaridade amazônica vivenciada pelo artista plástico que confecciona as alegorias para o festival de Parintins.

Toada: Círculo da Vida – Festa Tribal

(Compositor: Paulinho Du Sagrado, Boi-Bumbá Caprichoso, 2013)

O brilho do olhar na estrela

É fascinação da história do índio

Que mantém esta terra

Reflete nas águas dos rios

A constelação da estrela que brilha

Na arena da vida

Entoa um cantar

Tupinambá, kamayurá, Kaxinawá, karajá (karajá)

ô ô

É festa tribal

Tribal, tribal, tribal

Segredos guardados na terra

A celebração dos nativos irmãos

Cocares, tambores, torés

Um canto à vida, alegria, é folclore tribal

A iluminar, a idealizar, conscientizar

Todas as raças pro bem

Renascerá teu filho amanhã

Com um sonho feliz pra cantar

O círculo de fogo (fogo, fogo)

O ciclo da vida hei hei

O canto tribal do povo da ilha

O círculo de fogo (fogo, fogo)

O ciclo da vida hei hei

O canto tribal do povo de Parintins

Tribal, tribal, tribal

Do povo de Parintins

Tribal, tribal, tribal

Ó tupã, mostra o caminho da sabedoria

Para guiar as próximas gerações

"OS VALORES DA VIDA, A PAZ"

É festa tribal

Tribal, tribal, tribal

É festa tribal

Tribal, tribal, tribal

Entoa um cantar

Tupinambá, kamayurá, Kaxinawá, karajá (karajá)

ô ô

Vão iluminar, idealizar, conscientizar
Todas as raças pro bem
Renascerá teu filho amanhã
Com um sonho feliz pra cantar...

Tribos Indígenas: O círculo da vida é uma dança tribal que faz referências a diversidade de etnias encontradas na região Amazônica e proximidades. Tem como fundamento homenagear os ancestrais de Torá, Apiaká, Maraguá, Waimirí, Aroará, Ycamiaba, Sateré-Mawé, Hixcariana e Parintintin.



Figura 04: Projeto “Tribo indígena O círculo da vida”. Criação de Dorico, Louro, Wallace, Paquita... 2013. Acervo Boi Caprichoso

É representada no festival de Parintins como teatralização de danças e ritos originários do cotidiano indígena. As tribos representadas têm como ponto forte a sincronia de movimentos e recriação de desenhos na arena, utilizando adereços e objetos que facilitem nas coreografias. Estas são encenadas em arena com a participação de alunos da Escolinha de Arte do Caprichoso e Universidade do Folclore pertencente ao Boi Garantido. Todo esse trabalho que se materializa na arena do Bumbódromo está fundamentado em pesquisas pelos Bois com auxílio de coreógrafos e artistas tribais que recriam as danças e o figurino de cada uma.

Tuxauas: Também conhecidos como chefes tribais os Tuxauas são os guerreiros, curandeiros de frente tribal. Cada etnia é representada politicamente e socialmente pelo Tuxaua mais velho de sua tribo. Estes são representados pela diversidade tribal como líderes e donos de ensinamentos.



Figura 05: Projeto “Tuxaua”. Criação de Neto Machado. 2015.
Acervo Boi Caprichoso

A representação dos Tuxauas acende o ciclo intertribal na arena com as evoluções. Os tuxauas são confeccionados artesanalmente, cada líder tribal representa os valores, os costumes, a vestimenta, a decoração e a história de uma etnia indígena. São representações pesadas que chegam e ultrapassam os 70 quilos, por conta disso os dançarinos que carregam este item na arena devem ser pessoas fortes, de bastante preparo físico. Reproduzidos em forma de grandes cocares, os tuxauas são feitos com base de estrutura metálica, forrados com panos e palhas, decorados com objetos feitos de isopor, além de penas e adereços indígenas, também de outros materiais regionais da natureza. Atualmente, os bois Caprichoso e Garantido apresentam 3 tuxauas por noite.

Cunhã Poranga: A Cunhã Poranga é beleza indígena endereçada em uma mulher que representa a força e garra de toda a tribo. Personagem inserido nos mitos que recriam as lendas das aldeias, é símbolo de sustentação da cultura indígena por ter criatividade, beleza e ensinamentos repassados.



Figura 06: Projeto “Cunhã Poranga”. Criação de Fabson Rodrigues. 2018. Acervo Boi Caprichoso

A Cunhã Poranga é uma das personagens que dá visibilidade a figura do índio no Festival Folclórico de Parintins, os bois a trazem para evolução representando a força e a garra da índia guerreira. Na apresentação dos Bois, tem chamado atenção pela beleza de sua indumentária e dança, podendo surgir das alegorias ou apresentar-se no solo da arena. Item este que os Bois investem pesado para concorrer, dispendo de materiais sofisticados e de qualidade para realização de pintura corporal e produção de sua indumentária.

Pajé: É o principal líder espiritual da tribo, dono das pajelanças e feitiçarias. Curandeiro, é também quem conduz os rituais indígenas, as cerimônias e cordões tribais. Este personagem tem o dom da arte de interpretar fatos reais e se comunicar com os espíritos.



Figura 07: Projeto “Pajé”. Criação de Macoy Cardoso. 2018. Acervo Boi Caprichoso

É um dos itens mais esperados nas noites do Festival Folclórico de Parintins, também é responsável por conduzir o Ritual Indígena dos bois. Na representação des-

se item, o personagem tem a responsabilidade de evoluir e incorporar seres da floresta e animais com extrema fidelidade aos movimentos de um Pajé. Os brincantes desse item, por obrigação devem ser pessoas altas e fortes, precisam de bastante preparo físico para boas evoluções acontecerem na arena.

Assim como a Cunhã Poranga, este item é um dos que mais aparece nas noites do espetáculo, recebe grandes investimentos dos bois e de seu próprio dançarino. Por ser muito avistado nas aparições, sua indumentária é produzida com máximo cuidado e sigilo, tendo materiais de fino acabamento.

Considerações finais

O Festival folclórico de Parintins é uma manifestação da cultura transformada pelo homem na Amazônia. É resultado de um processo histórico vivenciado por pessoas humildes e simples da cidade de Parintins- AM que se dedicaram na realização de festejos juninos no passado. Esse manifesto que surgiu das ruas e quintais de famílias humildes cresceu com o apoio de colaboradores e devotos de Nossa Senhora do Carmo, passou por dificuldades financeiras e sociais, para suas manutenções e realização. Ao longo do tempo sofreu mutações significativas que afetaram todo processo de preparação até o de apresentação dos bois. A esse respeito, José Jorge de Carvalho (2010, p. 41), nos reforça que “espetacularização” e “canibalização” são termos que evidenciam a cultura popular fragilizada e exposta para invasões comerciais.

O presente trabalho abordou uma temática que é palco e vitrine da cidade de Parintins- AM. O estudo buscou apresentar de maneira clara e objetiva a dialética do festival de Parintins apontando questões históricas e de realização do movimento, também articulando a questão indígena dentro do contexto folclórico dos Bois Bum-bás, e como se dá o processo de materialização das Alegorias de Rituais, Lenda Amazônica, Tuxauas Cunhã-Poranga, Pajé, Tribos Indígenas.

Para essa realização, se fez necessário compreender a complexidade que é o festival folclórico tendo em vista a trama do “tradicional” e do “moderno”. A cultura popular e erudita, ainda o festival como mercadoria. Reflexão esta que nos fez perceber a cultura popular como autoafirmação de suas raízes. Podemos perceber dentro desse contexto que o mercado se apropria dessa prática cultural, uma vez que a popularização dos bois ganhou força com a mídia local, regional e nacional.

No entanto, na medida em que o festival folclórico da cidade cresce, os bois ganham notoriedade e os veículos de comunicação estabelecem ligações mais fortes com o festival em finais da década de 80 e início de 90 e projeções maiores se deslocam para esse cenário. É nesse contexto que os turistas tomam conta da cidade de Parintins no mês de junho para conhecer e perceber a realização do festival.

Carvalho (2010) diz que a “predação cultural” estava voltada apenas para festas e brincadeiras simples, como as confraternizações. Com o passar dos anos, as “culturas populares” passaram a chamar mais atenção das mídias e veículos de comunicação. Contexto esse que se exemplifica na festa do Boi Bumbá, as realizações modificaram-se com o passar do tempo chegando a estarem submetidas a esse tipo de mercado.

Portanto se faz relevante o estudo da brincadeira de boi e do festival folclórico, tendo em vista a importância desse acontecimento para o desenvolvimento da cidade de Parintins- AM, para conhecer e perceber as variações culturais, a trajetória dos bois e o esforço dedicado no passado para realização dessa festa. Por fim, esse escrito vem proporcionar informações pautadas em diálogos e conversas para que futuros pesquisadores e para a população em geral que estuda a questão do Boi Bumbá tenha mais interesse e acesso pela pesquisa de boi.

Referências Bibliográficas:

BATALHA, Socorro de Souza. **Gingando e Balançando em Sincronia**”: uma antropologia da dança do boi-bumbá de Parintins-AM. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Manaus: Universidade Federal do Amazonas, 2015.

BRAGA, Sérgio Ivan Gil. “Festas Religiosas e Populares na Amazônia” In: **A questão social no novo milênio**”. Coimbra: VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais, 2004, pp. 01-17.

BRAGA, Sergio Ivan Gil. **Os Bois Bumbás de Parintins**. Rio de Janeiro: Funarte/ Universidade do Amazonas, 2002.

CARDOSO, Maria Celeste de Souza. **Cancioneiro das toadas do boi-bumbá de Parintins**. Dissertação (Mestrado em Letras e Artes). Manaus: Universidade do Estado do Amazonas, 2013.

CARVALHO, José Jorge de. “Espetacularização e canibalização das culturas populares na América Latina”. In: **Anthropológicas**. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2010, n. 1. pp. 39-76.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. “O Boi-Bumbá de Parintins, Amazonas: breve história e etnografia da festa”. In: **História, Ciências, Saúde**, Manguinhos: UFRJ, 2000, número especial. pp. 1019-1046.

COSTA, Selda Vale da, “Boi-bumbá, memória de antigamente”. In: **Somanlu**, Manaus: UFAM, 2002, número especial. pp. 147-153.

FURLANETTO, Beatriz Helena, “Território e Identidade no Boi-Bumbá de Parintins”. In: **Revista Geográfica de América Central**. Costa Rica: Universidade Nacional, 2011, número especial EGAL, pp. 1-15.

NAKANOME, Ericky da Silva. **A representação do Indígena no Boi Bumbá de Parintins**. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais). Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2017.

NOGUEIRA, Wilson. **Boi-Bumbá: Imaginário e espetáculo na Amazônia**. Manaus: Valer, 2014.

PINHEIRO, Erick Bessa. **A identidade do Amazonas expressa no folclore do Boi-Bumbá**. Manaus: Amazonas, 2004.

RODRIGUES, Allan Soljenítsin Barreto. **Boi Bumbá: Evolução**. Livro-reportagem sobre o Festival Folclórico de Parintins. Manaus: Valer, 2006.

VALENTIN, Andreas. **Contrários: A celebração da rivalidade dos Bois-Bumbás de Parintins**. Manaus: Valer, 2005.